

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA



Jorge Juan (1713-1773)

Rafael Sebastián Alcaraz
Emilia María Tonda Monllor
(Coordinadores)

LA INVESTIGACIÓN E INNOVACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA

Rafael Sebastián Alcaraz

Emilia María Tonda Monllor (Eds.)

Publicaciones de la Universidad de Alicante
03690 San Vicente del Raspeig
publicaciones@ua.es
<http://publicaciones.ua.es>
Teléfono: 965 903 480

© los autores, 2016

© de la presente edición: Universidad de Alicante

ISBN: 978-84-16724-07-9

Diseño de cubiertas: CEE Limencop S.L.
Maquetación: CEE Limencop S.L.



UNIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS ESPAÑOLAS
www.une.es

Esta editorial es miembro de la UNE, lo que garantiza la difusión y comercialización nacional y internacional de sus publicaciones.

Reservados todos los derechos. Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.

A DIDÁTICA NA CARTOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA⁶⁶

Mafalda Nesi Francischett⁶⁷

Unioeste – Francisco Beltrão – Paraná – Brasil

mafalda@wln.com.br

Resumo

Esta proposta visa elucidar problemas em relação ao material didático público disponibilizado nas situações de ensino, por meio da linguagem cartográfica, no decorrer da abordagem dos conteúdos específicos de Geografia no Ensino Fundamental. Constitui uma base didático-metodológica de ensino de Geografia, em que os principais sujeitos da pesquisa são professores de Geografia e os dados recolhidos constituem a base deste texto. O processo se constitui em duas fases. A primeira, na coleta de dados e elaboração de um diagnóstico da realidade, das dificuldades e dos problemas enfrentados para ensinar Geografia. A segunda, na elaboração das atividades e apresentação do material para divulgação.

Palavras-chave

Didática. Cartografia escolar. Geografia. Ensino Fundamental.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de proposta de pesquisa que está em andamento, com apoio da Fundação Araucária do Paraná, cujo teor apresenta alguns aspectos indicativos neste texto. Também considera a educação na perspectiva de Vigotski (1984), em especial quando esse pensador e pedagogo ressalva que a palavra “educação” está relacionada ao crescimento e pode ser definida como uma ação racional, planejada, premeditada e consciente. Educação é, portanto, uma forma de intervenção nos processos de crescimento natural dos sujeitos (infantes, adolescentes ou mesmo adultos). É com esse entendimento que a pesquisa em desenvolvimento foi pensada e planejada

Uma literatura sobre educação bem selecionada é subsídio importante para a formação de professores qualificados, pois esses escritos são resultados de notáveis experiências humanas nessa área, uma vez que se trata de pensadores que, por suas ações e por seus escritos, atuaram nas mentes, nas emoções, nos sentimentos, ou melhor, no espaço interior dos sujeitos alunos e na formação de sua consciência de mundo com validade para suas vidas inteiras. Para Bakhtin, essa literatura costuma representar (para manter ou para alterar) a realidade da organização socioeconômica das comunidades humanas e as respectivas relações ideológicas decorrentes. Daí decorre uma clara responsabilidade para os agentes sociais (administradores ou professores) que decidem pela inclusão e uso destes ou daqueles livros literários, paradidáticos e didáticos nas escolas. Vale dizer que a escolha de uns livros ou de outros pode

⁶⁶ Pesquisa com apoio da Fundação Araucária na modalidade Produtividade.

⁶⁷ Professora do Curso de Graduação em Geografia e dos Programas de Mestrado em Geografia e de Educação - UNIOESTE/FB/PR/BR. E-mail: mafalda@wln.com.br.

direcionar as mentes dos professores e dos alunos tanto para manter ou para romper as relações sociais existentes. Na Geografia, essa escolha de literatura didática incide sobre as opções de entendimento da questão do espaço geográfico no contexto local e global e isso já começa a ocorrer nos currículos escolares, desde as primeiras séries no Ensino Fundamental. Nessa literatura necessariamente se incluem também as cartilhas, as revistas, os álbuns e os jogos, embora sejam considerados materiais apenas paradidáticos. Nos livros didáticos propriamente ditos, as matérias são organizadas de acordo com o currículo escolar oficial e essas matérias são didaticamente “trabalhadas” sempre em horário escolar oficial — o que não ocorre com os materiais paradidáticos, direcionados mais para o manuseio na vida cotidiana dos estudantes.

No ensino de Geografia costuma ocorrer uma priorização, qual seja a de que os alunos possam conhecer e compreender — de modo integrado e sistêmico — as noções básicas relacionadas à localização e à orientação do seu local vivido, do seu município e da sua região, de forma que, com esse conhecimento e compreensão, ao adotarem novas posturas na escola, em casa e na comunidade, que isso os leve a interações construtivas e cognitivas. Isso equivale a dizer que há ou que deve haver uma priorização pela aprendizagem de uma competente linguagem geográfica (a partir dos livros didáticos e paradidáticos, em especial).

Assim, para ensinar as representações cartográficas, os professores se valem de muitos atributos da realidade circundante em determinada linguagem, como é o caso dos símbolos geográficos para transmitir informações — pois símbolos sempre são importantes itens de uma determinada literatura/linguagem, especialmente a didática e assemelhadas. É importante salientar que “[...] a escola deve criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre essa linguagem nos dois sentidos: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela” (PCNS: 1991, p. 87).

É possível perceber que o estudo da linguagem cartográfica vem, cada vez mais, reafirmando sua importância desde o início da escolaridade oficial das crianças. Essa linguagem contribui não apenas para que os alunos compreendam os mapas, mas para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço, tendo em vista seu caráter semiótico.

2. MÉTODO E METODOLOGIA

Proposto por Karl Marx, o materialismo histórico consiste num método de interpretação histórica fundamentado em fatores socioeconômicos e na perspectiva antropológica que concebe a natureza humana edificada por relações de trabalho e produção que os homens estabelecem entre si, objetivando a satisfação de suas necessidades. Nessa perspectiva, o materialismo histórico estabelece que os fenômenos intelectuais, artísticos, políticos e jurídicos formam uma superestrutura que é determinada, em última instância, pela infraestrutura econômica. Ou seja, é histórico porque concebe a formação da infraestrutura e do modo de produção como historicamente determinados.

Além de a produção de ideias e de as representações incidirem sobre a atividade material do homem, é preciso considerar que os fenômenos superestruturais podem assumir supremacia na determinação da forma das lutas históricas. O materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo

dialético ao campo da história. E, como o próprio nome indica, é a aplicação da história por fatores materiais, econômicos e técnicos.

Na construção de sua teoria, Marx utiliza o método dialético, proposto basicamente porque a dialética, em sua forma “racional”, como ele a usa, é crítica e revolucionária, possibilitando perceber que a realidade é complexa, na relação dialética homem-trabalho-natureza, denominada por ele de práxis. O ponto de partida dessa teoria é a consideração de que os fenômenos materiais são processos.

Tal mudança de enfoque, em relação aos outros modelos teóricos existentes à época, tornou-se possível porque, no século XIX, as ciências descobriram novas formas de movimento, além do movimento mecânico da simples mudança de lugar de deslocamento, da descoberta da transformação da energia, da evolução das espécies, entre outras. Essas novas características indicam a possibilidade de mudança qualitativa. O mundo não é uma realidade estática, mas dinâmica, um conjunto de ações; por isso, a abordagem da realidade deve ser pensada de maneira dialética, considerando os fatos na sua dependência recíproca e não apenas linear.

Teoricamente, essa dialética se justifica pelo fato de que, para estudar a sociedade, conseqüentemente a Geografia é considerada a forma, a maneira como os homens produzem os bens materiais necessários à sua vida e representa tais modificações. Trata-se, então, de analisar o contato que os homens estabelecem com a natureza para transformá-la por meio do trabalho e as relações entre si e descobrir como eles produzem suas vidas, suas ideias e como registram seus feitos.

Assim, conforme Triviños (1987), logo se apresentam três características importantes:

- A primeira delas é a matéria, pois o mundo é materialidade: os fenômenos, objetos e processos, na realidade, são materiais.
- A segunda é a consciência, que é um reflexo da matéria, pois esta existe objetivamente e se constitui numa realidade objetiva.
- O mundo é conhecível: o homem pode conhecer a realidade que se desenvolve gradualmente e é capaz de conhecer os aspectos quantitativos, a essência e a causa do objeto.

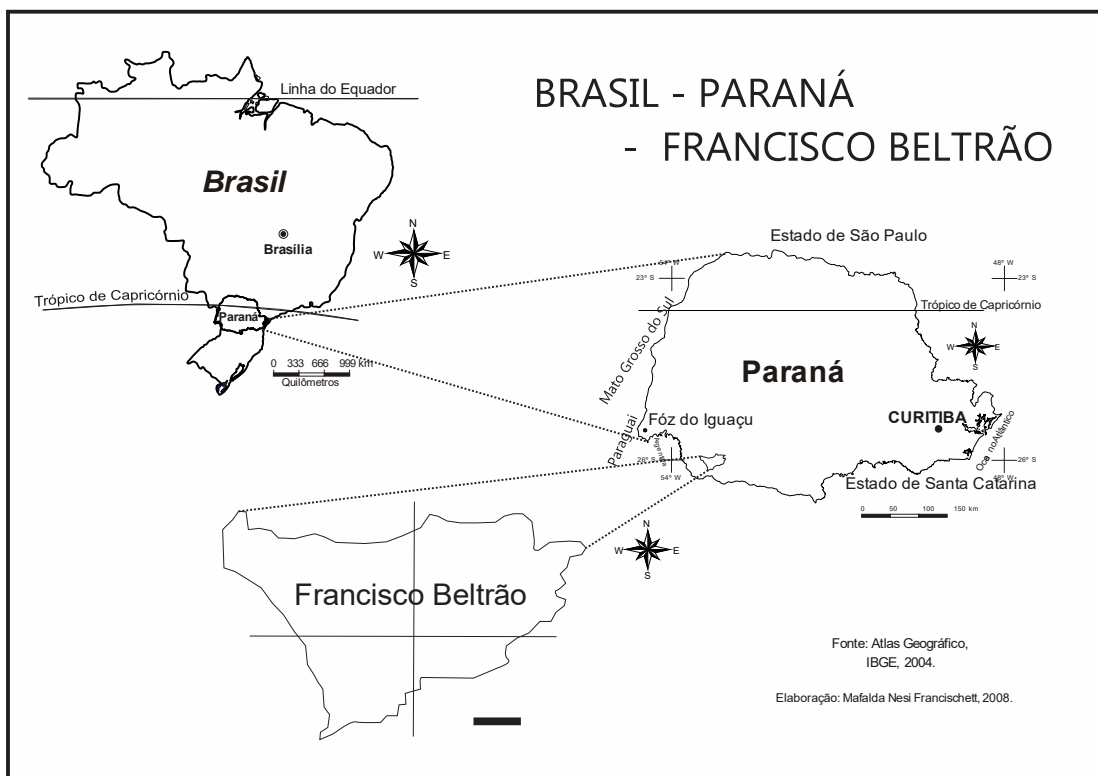
Ao estabelecer as três categorias para a dialética, Marx apresenta a matéria, a consciência e a prática social intimamente ligadas ao problema fundamental da filosofia, que é a ligação entre matéria e ideia, formadas no desenvolvimento histórico do conhecimento e na prática social.

Assim, a questão é de que modo ensinar, na teoria e na prática e como essas categorias filosóficas designam os aspectos espiritual e material da atividade objetiva, histórica e sociológica dos sujeitos, ou seja, o conhecimento como meio de transformação da natureza e da sociedade. Assim, a prática é toda a atividade material orientada a transformar a natureza e a vida social.

Com base no exposto, consideram-se as representações cartográficas como recursos didáticos para ensinar Geografia. Trata-se daquilo que vem em decorrência dos procedimentos estudados e analisados na dinâmica espacial, mormente o que vem se destacando nas últimas décadas por meio da Linguagem Cartográfica, com o propósito de compreender como essa linguagem se apresenta para registrar, comunicar e representar a paisagem geográfica. O tema central desta pesquisa é o estudo das representações cartográficas, ou seja, com mapas enquanto uma

linguagem gráfica, contextualizada no sentido e significado que comportam para ensinar Geografia, no Ensino Fundamental.

A primeira fase da pesquisa diagnóstica foi realizada com os professores de Geografia (voluntários) do 9º ano das escolas públicas de Francisco Beltrão – localização conforme o mapa na figura núm.1 -, fazendo-se o levantamento das necessidades relacionadas ao trabalho com mapas para ensinar Geografia no Ensino Fundamental.



Representação 1. Mapas da localização da área da pesquisa. Elaboração: Francischett, 2015.

Com um grupo de sete professores de Geografia foi realizada esta primeira fase diagnóstica. Os dados compõem a síntese teórica e norteiam a forma de material didático alternativo. A ênfase é atribuída à linguagem cartográfica e no princípio da Cartografia enquanto ciência, que conduzem a mediação na construção e na interação de mapas, respeitando as regras básicas da representação gráfica. E, ao mesmo tempo em que o indicativo foi para trabalhar com apoio na concepção histórico-crítica da educação, o respaldo mais imediato foi buscado na pedagogia histórico-crítica de Saviani e na base cognitiva da teoria vigotskiana, por entender que o conceito materialista dialético no âmbito da psicologia reflete a ação do sujeito humano como ser social em relação com a realidade externa – relação mediatizada pela transformação da própria realidade.

3. A RELAÇÃO DIDÁTICA DAS REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS NO PROCESSO DE ENSINO

A aprendizagem sistematizada se caracteriza pelo desenvolvimento de ações físicas e mentais adequadas, ações essas que, conduzidas pelo procedimento de ensino, culminam com o conhecimento. Ou seja, a ação intencional do ensino criará condições para que, a partir da ação do sujeito, ocorra a aprendizagem e, conseqüentemente, mudança de comportamento.

Assim, ocorrendo adequadamente o processo de ensino-aprendizagem é possível:

- Aprender fatos, conceitos, princípios, entre outros conhecimentos sistematizados (saber).
- Observar fatos, extrair conclusões, dominar procedimentos, usar adequadamente os sentidos, manipular objetos e instrumentos, entre outras habilidades e hábitos (saber fazer).
- Resolver problemas assertivamente e utilizar nossas convicções, valores e senso crítico nos momentos de tomadas de decisão (querer fazer).
- Contudo, a aprendizagem significativa só ocorre, efetivamente, quando o professor, mediante o processo intencional de ensino, cria condições para que o aluno opere física, mental e emocionalmente sobre o objeto do conhecimento, apropriando-se dele (processo de assimilação ativa).

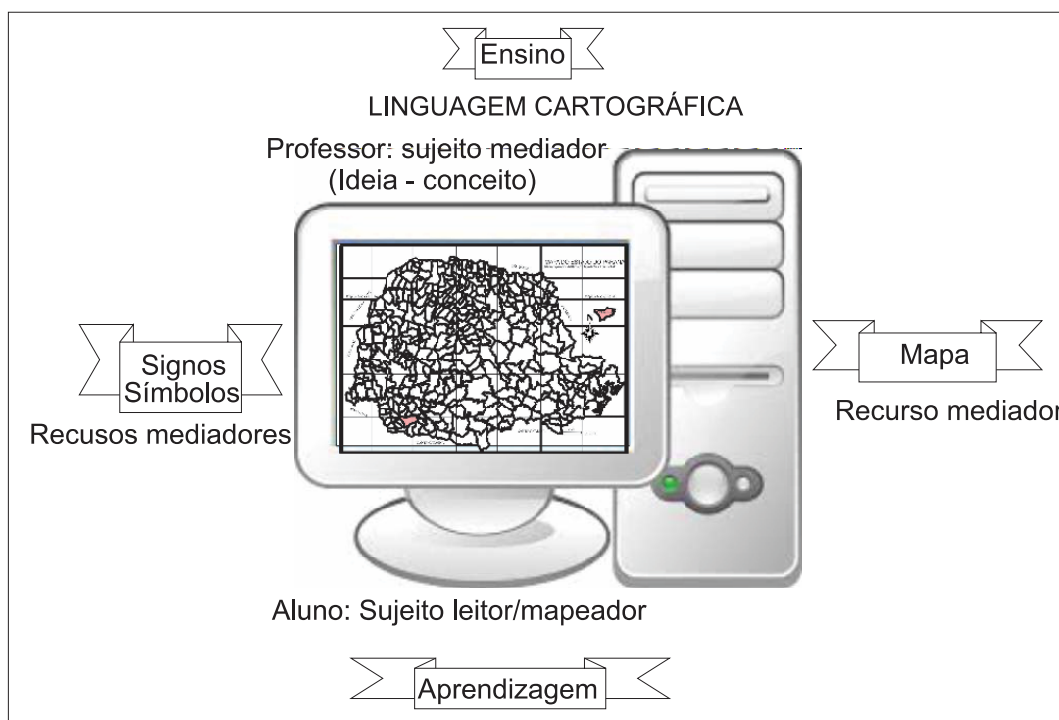
Os mapas, durante muito tempo, foram considerados como o principal meio para o ensino de Geografia, porém nos currículos escolares não eram explicitados e, nas práticas pedagógicas, poucos detalhes apareciam a esse respeito. Algumas menções eram feitas às questões de localização e orientação de alguns “pontos, locais, cidades, fatos”. Já nos PCNs de Geografia para o 3º e 4º ciclos (6º ao 9º ano) foi definido, como o eixo 4, que a Cartografia deve ser instrumento na aproximação dos lugares e do mundo, para a abordagem da linguagem cartográfica. Isso, porém, por si só, não é garantia de que a Cartografia Escolar seja contemplada no ensino. Por isso é necessário esforço contínuo em busca da construção desse aprendizado com o significado devido. Desse modo, por meio de material de apoio didático alternativo é possível contemplar essas questões, com professores e demais interessados em desenvolver atividades relacionadas com a representação e com o conhecimento do espaço.

Uma das questões que nos parece bem importante está relacionada à dificuldade apresentada por professores (e alunos) em trabalhar os conteúdos de Cartografia, em todos os níveis de ensino, especificamente com as atividades de ensino-aprendizagem de mapas. Verificamos que há muita insegurança, por parte do professor, ao se propor trabalhar pedagogicamente o assunto *mapas* enquanto recurso didático para ensinar conteúdos. Isso decorre de problema na própria formação do professor e da didática que ainda paira em alguns cursos de graduação em Geografia, nos quais a Cartografia é tratada estritamente enquanto técnica, desvinculada das demais disciplinas e do contexto sociocultural.

A Cartografia Escolar ainda não está constituída especificamente no currículo didático, nas escolas, embora seja o rumo norteador do ensino de Geografia. Ainda que muitos pesquisadores e professores já estejam até ganhando mérito e reconhecimento nacional e internacional com trabalhos desenvolvidos nessa área. A Cartografia está, a cada dia, ocupando melhor o seu lugar proeminente no currículo escolar, isso ocorre pelo seu alto valor para o conhecimento do contexto social — conhecimento fundamental aos cidadãos, segundo o entendimento do materialismo histórico.

À medida que a linguagem cartográfica ganha importância no currículo, no Brasil, também vem aumentando o interesse do professor em compreendê-la para ensinar Geografia. Como este é o foco neste artigo e nele não é possível esgotar estas possibilidades, pertinente se faz anunciar um exemplo e, para o qual se reportam os sentidos e significados do processo de ensino. Daí a representação a seguir,

apresentada como metáfora síntese do processo educativo, com os sujeitos envolvidos e o mapa como recurso didático.



Representação 2 – Síntese do processo de ensino da linguagem cartográfica.
Elaboração: Francischett, 2015.

No ensino da linguagem cartográfica o professor é o sujeito considerado mais experiente e que ensina a ideia, o conceito. Ou seja, o sujeito decodificador dos símbolos e dos signos. Assim, a aprendizagem ocorre em cada ação realizada entre os sujeitos. O processo instiga o leitor a explorar as suas potencialidades visuais e cognitivas. Isso leva à interiorização de novos sistemas simbólicos apresentados na representação mapa proporcionando aos sujeitos o desenvolvimento da leitura e do entendimento do espaço representado.

Os mapas geográficos escolares podem ser “trabalhados” nas salas de aula como recursos didático-pedagógicos privilegiados quando o enfoque curricular se volta para o espaço local. A necessidade de construir mapas temáticos locais e a importância de discutir práticas escolares com o uso desses materiais didáticos são os principais temas enfocados e apresentados através da experiência desenvolvida com a participação de professores de Geografia do Ensino Fundamental.

Quando se discute o ensino de Geografia, os professores costumam fazer os seguintes questionamentos: - a) Como trabalhar com o mapa na sala de aula? - b) Qual é o assunto que melhor situa a utilização dos mapas? - c) Como estudar os conceitos de orientação e de localização?

Na verdade, a preocupação com o ensino da orientação e da localização não é recente. La Blache (1945) já expressava tal preocupação, afirmando que, se ele tivesse que ensinar Geografia às crianças de uma escola primária, então ele, provavelmente, se dedicaria primeiramente a ensinar-lhes a se orientarem — ao que acrescentamos ensinar-lhes a se orientarem em seu bairro, em sua cidade, em sua região... e assim por diante, até o mapa-múndi e mapas astronômicos de localização do nosso planeta.

As representações cartográficas possibilitam estudar a realidade num curto espaço de tempo, sem perder com isso os atributos necessários ao estudo do espaço geográfico. O desenvolvimento do poder sobre o espaço produziu uma diferenciação das formas de utilização e das representações. O mapa é uma das representações cartográficas que está cada vez mais sendo aperfeiçoada e que cumpre importante papel nos procedimentos de ensino-aprendizagem de Geografia. Daí a necessidade de o professor, no contexto, entender tais representações.

O mapa, enquanto representação cartográfica, por princípio, visa oferecer subsídios para que o espaço real seja estudado de maneira abrangente, oferecendo condições de entendimento, a compreensão da localização e a orientação. Essas categorias são essenciais para o estudo do espaço geográfico. Assim: “O ensino da geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transpondo-as para as representações do espaço concebido” (Callai: 1998, p. 79).

Há que se destacar que o material didático que auxilia o professor ainda é bastante restrito, necessitando, na maioria das vezes, que se faça a opção por construí-lo junto com os alunos. Embora isso seja um atributo instigante, da forma como as instituições escolares se apresentam, com tantas dificuldades operacionais, elaborar mapas se torna um problema para sua efetivação. Junto a isso vem a falta de recursos financeiros nos orçamentos educacionais, que dificultam a renovação dos materiais, renovação que precisa ser constante e contínua.

Como o objeto de estudo da ciência geográfica é o espaço socialmente produzido — isso, obviamente, provoca mudanças, previsíveis ou não. A importância do seu estudo advém da explicação de um fato ou fenômeno, o qual nos fornece oportunidade para a análise e a investigação de como a sociedade ocupa, organiza, representa e transforma o espaço.

Para que se possa analisar um espaço há necessidade de entender como a sociedade o constrói e reconstrói, pois a todo o momento a sociedade se relaciona com o espaço para produzir, consumir, circular e como ela pensa esse espaço tendo em vista perspectivas emancipatórias de sobrevivência harmoniosa. Assim, o ensino da Geografia procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, interpretar, analisar e pensar criticamente a realidade para melhor compreendê-la e identificar as possibilidades de transformação, no sentido de contribuir para a construção da cidadania e se desenvolver como sujeito.

A relação homem-meio, tão “trabalhada” na Geografia, é, na verdade, uma relação de necessidade, de trabalho. É na relação do homem com o meio que ele se constrói e, ao mesmo tempo, constrói seu espaço de vivência. Essa construção é social e, portanto, está intimamente ligada à forma como os homens se relacionam entre si na formação da sociedade.

O conhecimento de diferentes tipos de representações do espaço geográfico, no Ensino Fundamental, é de extrema importância. Existe um paralelo entre as regras de construção e de produção da linguagem cartográfica e o problema epistemológico da representação gráfica do espaço, ou seja, a relação entre o real e a sua representação.

As diferentes situações de ensino-aprendizagem planejadas pelo professor necessitam contemplar o maior número possível de aspectos para desenvolver as capacidades cognitivas. Para tal, importante se faz considerar o saber fazer, como localizar fontes, observar, descrever, registrar, documentar, interpretar, explicar,

sintetizar, além de apresentar conceitos, fatos, princípios, problematizar, assumir posturas propositivas e construir suas representações.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A diretriz didática que fortalece o ensino da Cartografia Escolar que tem a concepção Histórico-Crítica, como linha teórica, considera o espaço geográfico como objeto de ensino e de estudo a partir dos conceitos básicos da Geografia, que passam a identificar, definir e orientar as indicações nos conteúdos estruturantes, básicos e específicos. Para tanto, são os conteúdos, por meio desta abordagem didática, que vão possibilitar aos alunos o conhecimento.

Como proposto, a linguagem cartográfica corresponde a um suporte didático para o ensino dos conteúdos geográficos. Ela, portanto, pode, quando didaticamente utilizada, promover a compreensão da espacialização dos fatos e dos fenômenos em diferentes escalas geográficas, tanto para os alunos como para o professor.

Durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2014, esta pesquisa alçou as necessidades relacionadas ao trabalho com mapas, para ensinar Geografia no Ensino Fundamental. Foi realizada por meio de questionário impresso, do qual cópias foram entregues aos professores de Geografia (voluntários) que atuam ensinando Geografia no 9º ano, nas escolas públicas de Ensino Fundamental de Francisco Beltrão/PR. Foram sete (7) os sujeitos professores que aceitaram participar da pesquisa e devolveram o questionário respondido por escrito.

Dentre as dificuldades em trabalhar Geografia com mapas, eles apresentaram: “Em encontrar mapas com temas diferentes, na mesma escala” (Professor 1); “Encontrar mapas de qualidade e atualizados do estado e do município” (Professor 2); “O custo é alto para a reprodução de mapas, para trabalhar com os alunos, por exemplo: país, continente, região, município...” (Professor 3); “Faltam mapas para trabalhar na escola” (Professores 4, 5 e 6); “Falta tempo para preparar atividades com mapas” (Professor 7).

As razões apresentadas pelos professores permitem considerar que eles não têm tempo, nem recurso, nem autonomia didática para produzir materiais didáticos. A linguagem cartográfica ainda não está sendo apreendida conforme o desejado pelos professores. O aluno não é sujeito leitor de mapas, pois, pelo visto, ele é apenas receptor de atividades. Os materiais didáticos públicos oferecidos ainda não cumprem com o papel formativo da autonomia cidadã. A relação da mediação pedagógica que se apresenta entre professor, material didático e aluno está fragilizada no que tange à teoria didática da aprendizagem pela atividade com mapas.

Sobre a maior dificuldade em trabalhar com mapas, os professores afirmam: “Os alunos têm dificuldade para identificar, no mapa, os elementos físicos, como relevo, hidrografia e clima” (Professor 1); “Os conteúdos são trabalhados no âmbito do país” (Professor 2); “Os alunos não dominam os conceitos de localização e de orientação espacial” (Professor 3); “Os conteúdos são complexos e os mapas não trazem explícito o que necessitamos” (Professor 4); “Os alunos estão numa fase difícil e levam tudo na brincadeira” (Professor 5); “Há carência de material didático” (Professor 6); “Falta tempo para preparar a atividade” (Professor 7).

Outros aspectos a serem considerados são referentes à falta da leitura do mapa pelo aluno e, sendo aluno do 9º ano, isso fica ainda mais significativo. Se os alunos não conseguem identificar o conteúdo proposto no mapa, então esse recurso não tem

nenhum sentido para eles e nem para o ensino. Portanto, sem significado! Quando só se tem mapas que tratam do conteúdo geral e o professor não consegue trazê-lo para a realidade do aluno, o professor também não se tornou sujeito leitor, nem autor, uma vez que não adquiriu autonomia para lidar com essas representações.

Os conteúdos do mapa são complexos. Há de se ter preparação e conhecimento para decodificar os significados. Agregada a esses fatores ainda se encontra a dificuldade em lidar didaticamente com o ensino em sala de aula, onde a relação professor-aluno-conhecimento apresenta desconectividades e fragilidades: o professor não se sente sujeito efetivo na sua função de ensinar. A situação que culmina com a falta de tempo para preparar as aulas demonstra que a prática de ensino se apresenta com necessidades básicas de mudanças, dentre elas está o trato didático da temática dos mapas como recursos de linguagem.

Os professores, sujeitos da pesquisa, chegam a mencionar que há necessidade e deficiência em “todos os conteúdos de Geografia” para trabalhar com mapas. Ao mesmo tempo, porém, citam principalmente “localização e orientação”, o que efetivamente chama a atenção desta pesquisa, pois que esses conteúdos fazem a função principal e básica dos mapas.

5. REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M., 2002. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo: Annablume; Hucitec.
- Brasil, Ministério da Educação e do Desporto, 1997. Coordenação de Educação Ambiental/Gabinete do Ministro. *Programa Nacional de Educação Ambiental - PRONEA*. Brasília: MEC/UNESCO.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais; Geografia (5ª a 8ª séries)*. Brasília, MEC/SEF, 1998. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais; História e Geografia (1ª a 4ª séries)*. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. 1998. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil, Ministério da Educação e do Desporto, 1998. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para o ensino fundamental 1º e 2º ciclos*. Brasília: MEC/SEF.
- Callai, H. C. (Org.). et al. 1998. *Geografia em sala de aula*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre.
- Francischett, M. N. 2002. *A cartografia no ensino de geografia - construindo o caminho do cotidiano*. Rio de Janeiro: Litteris Ed. KroArt.
- _____. 1998. Localização através de mapas. *Faz Ciência: Revista de Ciências Humanas* - Fundação Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão: Facibel, v. 3, núm.1, Cascavel, PR: Edunioeste, pp. 9-22.
- _____. 2004. *A cartografia no ensino de geografia – a aprendizagem mediada*. Cascavel. PR: Edunioeste.

La Blache V. de. 1943, A geografia na escola primária. *Boletim Geográfico*, ano I, núm. 01.

Martinelli, M., 1991. *Curso de cartografia temática*. São Paulo: Contexto.

Parâmetros Curriculares Nacionais 1997: *História e Geografia*. Secretaria de Educação Fundamental, V. 5. Brasília: MEC/SEF.

Paraná. Secretaria de Estado da Educação. 2012. *Caderno de expectativas de aprendizagem* (Departamento de Educação Básica). Curitiba: Seed/DEB-PR.

Triviños A. N S. 1987. *Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Vigotski, L. S. 1984. *A Formação Social da Mente*, São Paulo: Martins Fontes.